

# Construtivismo

## brasileiro

Com o lançamento, hoje, no MAM, do livro 'Arte Construtiva no Brasil' e uma exposição marcada para outubro, a coleção de Adolpho Leirner chega, finalmente, ao público

MARCOS AUGUSTO GONÇALVES  
Editor de Domingo

Com o lançamento, hoje, de "Arte Construtiva no Brasil", livro que reúne os trabalhos da coleção do empresário paulista Adolpho Leirner, a arte brasileira ganha uma obra indispensável, que estará associada, a partir de outubro, a uma exposição organizada pelo Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Organizado pela crítica Aracy Amaral, responsável por um ensaio introdutório sobre as origens da abstração geométrica no país, o volume, com 364 páginas, traz textos de Maria Alice Milliet, Ana Maria Belluzzo, Ferreira Gullar, Paulo Sérgio Duarte e Alexandre Wolner, além de uma apresentação do próprio colecionador.

Não se trata, portanto, de um livro "decorativo", uma mera reunião de reproduções de obras, mas de uma tentativa de pensar uma produção que marcou o ambiente artístico do país, contribuindo para sua modernização e fornecendo parâmetros para o desenvolvimento do trabalho de novas gerações.

Em que pese sua importância, o construtivismo brasileiro, hoje alvo de frequentes "descobertas" internacionais, tem permanecido relegado a iniciativas editoriais e críticas esparsas, quase sempre voltadas para artistas ou grupos isolados.

### Visão de conjunto

Um dos méritos da criteriosa coleção que Adolpho Leirner vem reunindo desde 1962 é exatamente o de permitir uma visão de conjunto: colocam-se na mesma parede obras que o calor das polémicas vanguardistas acabou por separar, muitas vezes artificialmente.

Se é certo que houve divergências importantes entre as concepções do grupo concretista de São Paulo e as do movimento neoconcretista carioca, é verdade também que um olhar mais distanciado há de perceber em ambos um conjunto estético bastante coerente em suas aproximações e diversidades.

Já sugerido no modernismo, o abstracionismo geométrico desenvolve-se no Brasil ao longo dos anos 30 e 40 e tem seu ponto de inflexão na década de 50, quando formam-se os grupos Ruptura, em São Paulo (52), e Frente, no Rio (54), realizam-se as exposições nacionais de arte concreta e florescem os debates sobre os novos rumos da arte no país.

A inauguração da Bienal de São Paulo, em 51, com a premiação da escultura "Unidade Tripartida", do artista suíço Max Bill, influenciava decisivamente o meio artístico e dá impulso a um grupo de jovens paulistas que procura delimitar um território específico no campo geral do abstracionismo. Rejeitando o que qualifica de arte abstrata "hedonista", o grupo, formado, entre outros, por Waldemar Cordeiro, Geraldo de Barros, Luis Sacilotto e Lothar Charroux lança o Manifesto Ruptura, assumindo os princípios mais rigorosos da arte

concreta.

Num ambiente marcado pela modernização, o grupo de São Paulo assume a vanguarda do abstracionismo e propugna uma arte racionalista, que não seja produto do "gosto gratuito", em nome de uma adequação do quadro ao novo mundo que se avizinharia.

Utopias socializantes e industriais rondam o trabalho desses artistas, alguns dos quais acabariam dedicando-se ao design, caso de Geraldo de Barros, que funda, ainda na década de 50, uma fábrica de móveis, em regime coletivista, chamada Unilabor.

Dois anos depois do Manifesto Ruptura, aglutina-se no Rio o grupo Frente, que reúne nomes como Ivan Serpa, Lygia Clark e Aloisio Carvão, também inclinado a adotar as demarcações no campo do abstracionismo sugeridas por seus pares paulistas. Todos estarão juntos na Primeira Exposição Nacional de Arte Concreta, em 1956.

As divergências, contudo, não tardariam a surgir. Em conflito com a "perigosa exacerbação racionalista" do concretismo, o grupo carioca acaba rompendo com os paulistas. A necessidade de marcar a diferença dá lugar ao Manifesto Neoconcreto.

### Novas perspectivas

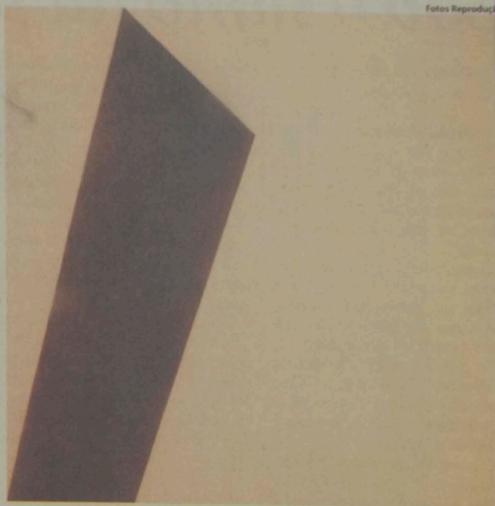
O neoconcretismo acabaria abrindo-se para novas perspectivas, partindo de forma mais decidida para o abandono dos limites do quadro e para o desenvolvimento de experiências que levariam à configuração da obra radical e exuberante de Hélio Oiticica.

A esse percurso de afinidades e divergências nos convida a coleção de Adolpho Leirner reunida no livro, que traz, ainda, nomes não filiados a grupos, entre eles Alfredo Volpi, artista único, que, embora tenha se aproximado do concretismo paulista, preserva um percurso original, correndo em raia própria.

É relevante, ainda, na edição organizada por Aracy Amaral, a tentativa de mostrar a influência de nomes como Alexandre Wolner e Amílcar de Castro, entre outros, em áreas correlatas, como o desenho gráfico e a publicidade, com o desenvolvimento de novos padrões visuais, que acabaram por renovar a própria imprensa brasileira.

Com o lançamento de "Arte Construtiva no Brasil" e a organização da mostra do MAM, a coleção privada de Adolpho Leirner encontra sua necessária função social, num país em que as instituições públicas nem sempre cumprem esse papel.

**Livro:** Arte Construtiva no Brasil: Coleção Adolpho Leirner  
**Lançamento:** hoje, das 19h às 22h  
**Onde:** Museu de Arte Moderna de São Paulo (parque Ibirapuera, portão 3, tel. 011/549-9688)  
**Preço:** R\$ 100 (364 págs.)

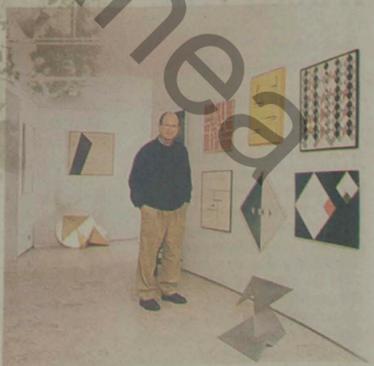
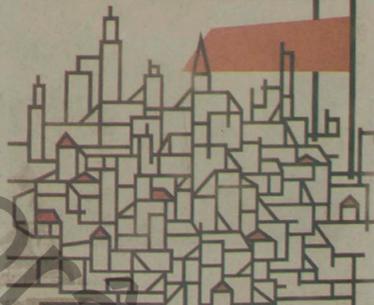


No alto, "Composição" (1958), tela de Alfredo Volpi; acima, "Virtual 14" (1958), tela de Hermelindo Fiaminghi; à esq., obra de Lygia Clark, "Planos em Superfície Modulada nº 5" (1957)

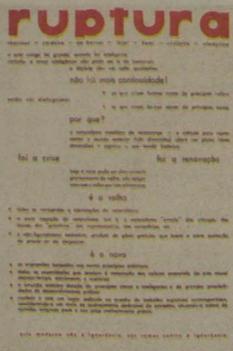


## IV Centenário de São Paulo

1554-1954



Acima, à dir., cartaz para quarto centenário de São Paulo (1954), de Geraldo de Barros; à esq., "Relevo Espacial" (1960), de Hélio Oiticica; à dir., Adolpho Leirner no hall de entrada de sua residência



Acima, reprodução da capa do Manifesto Ruptura, lançado em 1952

# Coleção Leirner